

Scape

A low-angle photograph of three women looking over a weathered concrete wall. The woman on the left has long dark hair and is wearing a black top. The woman in the middle has long dark hair and is wearing a striped top. The woman on the right is wearing glasses and a yellow top. The background is a bright blue sky with scattered white clouds. The concrete wall in the foreground is cracked and shows signs of wear.

DOENÇAS DE UM PADRÃO

Como as mulheres são atingidas psicologicamente e fisicamente por padrões instituídos na sociedade.

SUMÁRIO

ATRAVÉS DO TEMPO

Os padrões estéticos como representantes históricos e culturais. Pág. 4

O corpo como lugar de construção da identidade feminina. Pág.6

A estética ainda é ferramenta para a construção do íntimo no meio social. Pág.10

CORPO

Mulher negra e padrões estéticos. Pág.11

A negra ainda é vista como personificação da erotização. Pág 12

O que é anorexia e bulimia? Pág.18

Mulheres e transtornos alimentares. Pág.19

Gordofobia e o preconceito como entretenimento. Pág.20

ENTRE LINKS E LIKES

Redes sociais ou antissociais? Pág 22

Editorial

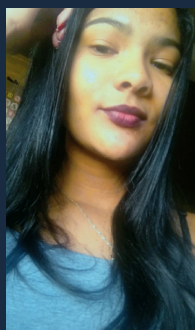
A revista reflete a visão das mulheres que a produziram. Acreditamos na necessidade de questionar os padrões impostos, e de dialogar com aquelas que mais sofrem com eles. Além disso, temos o propósito que as pessoas consigam entender os efeitos psicológicos e as marcas que cada uma carrega consigo.

Não falar sobre o que nos aprisionam, nos tira a possibilidade de alcançarmos qualquer resquício de liberdade e assim, descobrir quem realmente somos no nosso íntimo. Queremos que a cada página, você entenda que por mais que o sentimento seja que as suas insatisfações são algo privado, elas não são. E dessa forma, você se encoraje a lutar para ser quem quer ser.



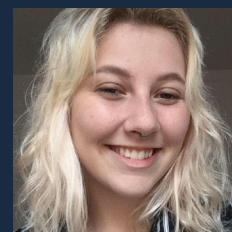
Caroline Santos
Matéria

Lara Loura
Matéria
Diagramação



Maiara Sousa
Matéria
Diagramação

Maria Luiza
Fotografia



Os padrões estéticos como representantes históricos e culturais

Os padrões de beleza, surgem junto com a formação da sociedade e sempre estiveram ligados às prioridades da época, sendo influenciados pelos aspectos culturais e históricos de seu período vigente. Comprovado cientificamente, existe uma relação natural que fazemos com o belo, a partir da busca pela simetria, pela proporção áurea e pela sequência de fibonacci, que estão presentes na natureza e no corpo humano, além de ser usado como parâmetro em vários ramos, inclusive em tratamentos dentários e cirurgias plásticas. Ou seja, reconhecer e procu-

rar a beleza é uma atitude programada pelo cérebro. Socialmente falando, o conceito é mutável, dependente de múltiplos fatores para sua definição e serve como um reflexo das formas de organização social, principalmente quando falamos dos padrões definidos às mulheres e a sua incessante busca. Quando destacamos a característica básica de grande parte das sociedades ancestrais, o patriarcado sem dúvidas, foi o grande responsável pelo peso que o termo carrega ainda hoje.

Tratada como assunto público e como efeito das épocas em que era a única característica que uma mulher deveria obter, a estética, ainda hoje é o referencial mais avaliativo sobre a figura feminina e referência para uma tentativa de

respeito social. A Grécia antiga é a primeira civilização que se tem registros sobre uma tentativa de padronização da estética. Na pré história, a obesidade era o estético perfeito, transpassando a idéia de fertilidade e disponibilidade de recursos. Essa visão vai retornar no Renascimento, somando-se uma associação com a riqueza e o status. Como prova da variação e dependência de outras características sociais, traçamos uma linha do tempo com os principais momentos históricos e as suas referências estéticas.

Pré-história: Obesidade era o estético perfeito, pois era ligada à idéia de fertilidade e disponibilidade de recursos.

Idade média: influência a cultura judaica cristã e a nudez feminina, deixa de ser cultuado para ser sinônimo de tentação. O belo passa a ser ligado ao campo espiritual. Enquanto isso, as imperfeições físicas passaram a ser encaradas como reflexos da alma e resultados dos pecados. As mulheres deveriam seguir a imagem da Virgem Maria, para serem consideradas belas.

Grécia antiga: A valorização se dava a partir dos conceitos de harmonia e equilíbrio. Curioso, que as mulheres evitavam o bronzeado por não ser reconhecido como algo belo.

Anos 20: o corpo feminino exaltado é o que possui cintura, seios e quadris com medidas parecidas. Daí, as mulheres passam a buscam truques para contornar seus próprios corpos ao modelo regente.



Anos 80/90: as modelos passam a ditar os padrões, com cinturas finas, altas e magras. Aqui os seios passam a ser valorizados e movimentam a busca pelos implantes de silicones.

Figura1. Maria Luiza. *luta*. 2019.

Anos 90: A beleza deixa de ser associada à saúde, aumentando casos de bulimia e anorexia.

O CORPO COMO LUGAR DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Segundo uma matéria divulgada no portal “Época” em maio deste ano, 18,6%, do cirurgiões plásticos do país, já realizaram procedimentos para aumentar os seios em mulheres menores de idade. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) houve um aumento de, 141%, no número de procedimentos que jovens de 13 a 18 anos se submeteram, nos últimos 10 anos. Além disso, o Brasil é líder em intervenções íntimas, como a labioplastia ou ninfoplastia (remoção de pele dos lábios vaginais com fins de correção estética). Assim como a estética, o corpo da mulher quase sempre foi objeto crucial na construção da subjetividade feminina e na sua construção social, cercada pela dominação masculina sob o mesmo, e das necessidades de adequações que eram definidas. Os reflexos dessas cobranças doentias, são enxergadas ainda na infância e na forma como a sociedade trata o tema.

A excessiva cobrança de autocuidado ligada ao estímulo à alterações físicas e incentivos a tentativa de alcançarem modelos específicos de beleza, podem ser visualizados na adolescência e na vida adulta. É naturalizado a busca à estética

perfeita, e que ela seja colocada em primeiro plano, passando desde cedo, a ser a maior preocupação na vida das meninas. De certo, as definições de padrões e os bombardeios da necessidade de insatisfação pessoal, são ferramentas de dominação e restrição, altamente excludentes.

Quando falamos dos padrões estéticos e da visão do corpo historicamente e socialmente, falamos também do padrão de feminilidade, que juntos vão construir a mulher ideal. Enquanto o padrão estético feminino, é o conjunto de características que nos posicionam ao lado daquelas consideradas bonitas, o padrão de feminilidade, é o conjunto de comportamento dirigido especificamente às mulheres. Ao passo que, pegamos um assunto tratado na prática como algo da esfera pública, mas considerado teoricamente como algo da esfera privada, como é o caso do corpo feminino e da existência propriamente dita da mulher, deixamos que a estrutura permaneça como está, sem que seja possível a real noção dessa construção. Além desses padrões serem modelos altamente idealizados e impossíveis de serem alcançados, eles ignoram as individualidades e diversidades presentes. Marcando a necessidade de separarmos a pressão estética, da opressão estética e preconceitos relacionados às “imperfeições” consideradas fora do que é bonito.



Figura2. Maria Luiza. *resista*. 2019.



Figura5. Maria Luiza. *aprecie*. 2019.



Figura6. Maria Luiza. *intrínseco*. 2019.



Figura7. Maria Luiza. *a felicidade de ser quem é.* 2019.

A ESTÉTICA AINDA É FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DO ÍNTIMO NO MEIO SOCIAL

A subjetividade é o resultado do conjunto de experiências e formações sociais, variáveis de acordo com cada sociedade em que o indivíduo se localiza. É a experiência do eu com o outro, junto com comportamentos e tabelas de checklist que validam quem você é em meio ao todo. Inegavelmente, o sistema capitalista, precisou se adaptar também com a mudança de posição social feminina, e necessitou de estratégias que colocam-se a mulher dentro do papel de consumidora, uma vez que ela passa a ser.

Assim, junto com os produtos de beleza e os padrões inalcançáveis, cria-se a idéia da venda de comportamentos, de atitudes e de estilo. São criadas associações psíquicas para a aceitação social.

O papel da mídia nesse processo é aniquilador. As representações midiáticas e publicitárias, constroem a idéia de quem eu deveria ver ao me olhar no espelho, formando uma verdade utópica mentalmente, de que existe a possibilidade de alcançar algo que não é possível, resultando na perda, ou na inexistência do conhecimento de quais mudanças são vontades internas, ou internalizadas através do reflexo de uma



Figura3. Maria Luiza. *inerente*. 2019.

ditadura de beleza que tenta se concretizar socialmente. As particularidades são substituídas por identidades globalizadas que mudam junto com as transformações econômicas. Inegavelmente, a relação da mulher com o corpo e do seu reconhecimento, estão diretamente conectados com a construção psicológica sobre sua existência, afetando diversas outras áreas da sua vida.

As formas de interação e as relações interpessoais, mexem com a maneira que nós nos enxergamos e, com a satisfação e sentimentos de prazer. Uma vez que, as relações interpessoais de mulheres, estão ligadas diretamente à sua estética e maneira de se apresentar, fisicamente e comportamentalmente, não se enquadrar nessas expectativas e satisfações sociais, interferem na concepção criada de quem somos, resultando num ciclo vicioso de atendimento às expectativas alheias e submissões pessoais.

"(...) Estou buscando uma autoaceitação, estou re-descobrimo meu corpo negro. As gengivas escuras foram uma questão pra mim na infância. Eu buscava não sorrir muito nas fotos, para não mostrá-las. Sempre amei meus lábios, em compensação, o nariz sempre foi um caso de ódio (...)"

MULHER NEGRA E PADRÕES ESTÉTICOS

O comentário acima, é um dentre os vários que aparecem no vídeo "Tour pelo meu rosto", da youtuber Gabi Ferreira. O objetivo do vídeo que possui mais de 800 mil visualizações, é percorrer e olhar com amor, traços que por muitos anos foram motivos de insatisfação e privações pessoais. Cabelos crespos ou cacheados, nariz largo, lábios volumosos, olhos escuros e muitas outras características, que fogem dos traços apresentados culturalmente como dignos do título de beleza, fazem mulheres negras e pardas questionarem sua existência e validade. Assim, vemos que os mecanismos do racismo são muito mais profundos do que os padrões de beleza, colocando essas mulheres 2x mais, na necessidade de se auto afirmarem.

"A negra nunca é primeira opção". A frase-tema, é de um dos vídeos do canal da youtuber Ellora Haonne. Se por um lado, temos a hipersexualização do corpo da "mulata", vista como objeto de desejo sexual, por outro, temos a dessexualização da mulher negra que não está em nenhum dos lados da balança. Longe dos padrões estéticos da mídia que valoriza traços europeus, grande parte está longe também do padrão sexualizado e único valorizado quando tratamos da mulher negra. Com isso, é possível perceber as ramificações que o assunto pede, e antes mesmo de tratarmos sobre os padrões estéticos e a saúde mental da mulher negra, esbarramos também nas questões sexuais e nas pressões que precedem qualquer padrão.

O crescimento em uma sociedade racista, e que desvaloriza as descendências e representações do negro, resulta em um pensamento inconsciente, dentro da própria comunidade, de negação e aversão a suas

próprias características. Essa negação interna não vem sozinha, uma vez que são inundadas por negações externas que desconstroem aos poucos a autoestima de várias mulheres. O sentimento de necessidade de mudança e modificações estéticas, refletem em outros campos que são carregados muitas vezes pra vida toda. Além de desenvolverem problemas pessoais, as relações interpessoais também são afetadas, resultando até mesmo em uma dificuldade e privação de se relacionar com outros indivíduos. Quando a questão é de si para si, o alisamento capilar e a rinoplastia são para muitas uma salvação e opção de reintegração. Talvez muitas nunca se questionem e não consigam descobrir o real motivo dessa necessidade.

A rinoplastia é a cirurgia mais procurada por adolescentes no país, resultando em 70.800 procedimentos realizados em 2017, segundo a





Figura5. Maria Luiza. *escape*. 2019.

comum que meninas de 9,10,11 e 12 anos, já tenham passado por processos de alisamentos ou tenham essa vontade internalizada. Quando não conseguem atingir esse objetivo, raramente possibilitam a oportunidade de se descobrirem. Em grande parte, essa culpa não é delas. Foi um processo longo, até que fosse possível visualizar marcas que fincassem o comprometimento de trabalhar com cabelos afros e cacheados, desenvolvessem produtos próprios e investissem em representações para esse público.

À internet, sem dúvidas, foi fundamental para que cada vez mais mulheres descobrissem, que suas questões não eram só suas e que sim, é possível mudar isso. Hoje, cada vez mais é possível ter contato com quem passou ou está se permitindo passar pela transição capilar, por exemplo, que mais do que deixar suas raízes crescerem e assumirem o cabelo natural,

é um processo de ressignificações e redescobrimiento identitário, que antes pouco se sabia que era possível. Além de ouvirem que não deveriam estar com seus cabelos tais como são, acreditavam que essa escolha era irreversível.



Figura4. Maria Luiza. *desconstruir*. 2019.

A NEGRA AINDA É VISTA COMO PERSONIFICAÇÃO DA EROTIZAÇÃO

A racionalização do poder, passa e se constrói em cima dos corpos. Foi necessário racionalizar características físicas e culturais dos grupos dominados, para que as hierarquizações políticas e sociais se instalassem com sucesso.

O berço da construção do Brasil, em que as escravas negras eram tidas como objetos na época colonial, para satisfazer os senhores de engenho e procriar, mostram como a visão unicamente sexual imposta, possui raízes profundas e antigas. Segundo o Instituto de Segurança Política (ISP), 54% das vítimas de estupro

e atentado violento ao pudor no Rio de Janeiro, eram em 2010, mulheres negras e pardas. “O racismo permite que a sociedade entenda que essas mulheres (negras) podem ser violentadas”, afirma Lúcia Xavier, coordenadora da organização Crioula.

As vinhetas que indicavam a época de carnaval transmitida pela rede Globo de televisão, até poucos anos atrás tinha como protagonista a "mulata". Com traje seminu, e o corpo coberto muitas vezes apenas com pinturas, fazia com que se representasse o samba e junto, a personificação da objetificação da mulher negra. Repassar a interpretação da "cor do pecado", "naturalmente sensuais" e "sedutoras do homens", carregam consigo a naturalização da violência que essas mulheres sofriam, romantizando e justificando os diversos estupros praticados pelos senhores de engenho. A irresistibilidade passa a ser a maior culpada. Desse modo, vemos que as especificidades da mulher negra, as colocam não só nas pressões estéticas impostas à todas, como também numa posição de combate às próprias pressões em seu meio e em luta constante contras as marcas do racismo, lutando pela própria resistência, como negra e como mulher. No artigo, "O peso do racismo sob a estética da mulher negra: um paradoxo da isonomia social brasileira" de Isabela Caroline, é construído um ótimo exemplo a respeito das dificuldades de relacionamentos inter-pessoais e as relações de empregabilidade. A idéia é mostrar os paradoxos das diferentes consequências da construção racial.

Por um lado, a possibilidade de descarte em um processo para a contratação de uma secretária, cercada pela ideia de não enquadramento nos padrões que consideram a aparência ideal para o cargo. Por outro, o uso da ideia da hipersexualização, crendo que a presença dessa mulher agradará o público masculino. Em ambos, são as condições raciais que se destacam e não a capacidade profissional. Logo, não só a existência da representação deve estar em pauta, mas a maneira como a mesma é realizada. Um dos maiores debates ainda é o papel que a mulher negra ocupa na mídia, quando presente. Em pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Gema) da UERJ, 28% das colunistas no Estadão eram mulheres, sendo 1% negras, em 2016.

De 162 novelas de 1984 a 2014, apenas 11 possuíam pretas e pardas. Empregadas domésticas, periféricas, históricas e referenciais sexuais, ainda são os principais papéis que elas ocupam. Os traços finos ainda são os preferidos, e as características que se afastam dos negróides são os mais valorizados. Em uma matéria divulgada pela "Revista Bula" no portal R7, entre as 10 brasileiras mais belas dos últimos 100 anos, apenas 2 negras aparecem na lista, sendo elas Taís Araújo e Isabel Fillardis. Ambas, com estéticas que ainda representam padrões bem estabelecidos.

Nathalia Cristina Rocha Mendonça.

23 anos.

Coqueiral/Minas Gerais.



Reprodução / arquivo pessoal.

1. Você acredita que o conceito de beleza muda quando falamos de mulheres brancas e de mulheres negras? Como?

"Muito. Porque o padrão da sociedade é a mulher branca. O conceito de beleza da mulher negra é deixado de lado. Então, a mulher branca padrão, ela é magra, tem olhos claros, cabelos lisos. Então, muda muito, tem muito peso entre o padrão da mulher branca e o padrão da mulher negra. Na verdade, não tem o padrão da mulher negra. A mulher negra é deixada de lado nesse conceito. A gente não pensa no conceito de beleza, incluindo o da mulher negra ou da mulher gorda".

2. Qual foi a experiência mais marcante na sua vida em relação às suas características físicas e as visões de outras pessoas?

"Quando você é uma pessoa negra, independente de ser homem ou mulher, você tem muitas experiências. As pessoas vão te abordar e te fazer perguntas (...) sem perceber a dor que aqu-

ilo pode causar. (...) Isso aconteceu comigo, eu era muito nova, criança. E nessa experiência foi quando eu me senti negra e fui colocada num lugar. Não em um lugar produtivo, como eu me vejo hoje. Eu tenho muito orgulho de ser negra (...) Mas, essa experiência que eu tive, foi "eu sou isso, sabe?", eu fui colocada num lugar que eu tenho muita dificuldade hoje ainda, de sair".

3. Essa visão corresponde com como você se vê atualmente?

"Eu acho que tudo que as pessoas fazem, marca a gente, nossa vida. Principalmente, quando você é uma pessoa negra. Por que são questões que pegam muito na gente. O ataque é muito pessoal, é sobre quem você é (...) Essa visão ainda está muito dentro de mim e eu luto todos os dias pra fugir disso. Tem dias que, pelo que eu passei pela minha vida inteira, por não me encaixar nesse padrão de beleza, eu me olhar no espelho, me maquiar, olhar e falar "Cara, eu não quero sair na rua". Não me achar bonita. E quando eu saí, eu me sinto um "lixo".

4. Como você se enxergava, principalmente pré adolescente e infância, como pessoa, como mulher, e principalmente como mulher negra? Você se lembra de ter alguma construção, ainda que inconsciente, do que isso significava?

"Você não sabe dizer que é racismo. Não sabe identificar o que é, sabe que não é certo, mas sabe que está ali. E eu aprendi estudando mesmo, e aí você consegue nomear as coisas. Mas, sempre tem experiências. Você olha pro lado e não vê ninguém negro na escola, por experiência (...) Você sabe que tem alguma coisa, mas não sabe o que é. Eu acho que é assim que eu me encontro como criança. Você sabe que tem alguma coisa diferente".

5. No seu círculo de amizades, na escola e nos lugares que você frequentava, havia outras meninas negras? Qual era o sentimento que você tinha em relação às pessoas a sua volta?

Na minha cidade tem bastante gente negra, eu convivi muito com pessoas negras. A minha mãe trabalhava no PET, nesse programa de assistência. E aí eu convivia muito com as pessoas negras. O período que eu comecei a perceber mais a diferença, porque tem momentos né, quando criança não é tanto. Mas, foi quando eu comecei a me relacionar mais com as pessoas, porque a sociedade te impulsiona. Como o padrão é branco, você tenta se enquadrar mais nesse padrão. Então, você se relaciona com pessoas brancas, os seus relacionamentos amorosos, seus relacionamentos no sentido de amizade. E foi nesse momento que eu comecei a me sentir diferente. Eu tinha uma amiga que era negra. E aí quando eu alisava o meu cabelo, ele não ficava igual o dela. Eu tinha uma amiga que era negra, mas era mais clara que eu. E aí, quando eu alisava o meu cabelo não ficava igual o dela, o cabelo dela ficava mais natural, mais próximo ao que era do padrão. Você saía na rua, batia um vento e o cabelo já voltava, sabe? Então, eu tinha que acordar, quando eu ia pro CEFET. Eu acho que eu tinha que sair 6 horas, e aí eu acordava mais cedo, porque eu tinha que alisar o meu cabelo, porque ele voltava. E aí eu acho que era um pouco diferente nossas experiências dentro da sociedade, porque ela era mais clara, ela tava mais próxima ao padrão. E aí eu tinha uma outra amiga, que tinha o cabelo cacheado, mas ela era branca. Então, ela estava mais perto do padrão. Não era o padrão ideal, mas estava mais próximo. É uma pirâmide de como você está mais próximo ou não do padrão da sociedade. E eu tinha uma outra amiga, que o cabelo era mais crespo, a pele era mais clara e ela era gorda. Então, nós duas éramos a segunda opção. Eu me refiro a isso, porque as questões amorosas sempre foi aonde me colocaram. Eu nunca foi a primeira opção dos meninos, e aí o

que sobravam era pra mim e essa outra amiga. Depois que você percebe que esta nesse lugar e que esse não é o seu lugar, é muito difícil trabalhar nisso e sair. Eu sempre gostei muito das minhas amigas, mas era essa a construção.. Elas estavam em um lugar e eu em outro. Eu lembro de uma situação em que a gente saiu. E tinham dois meninos, e os dois chegaram nas mais próximas do padrão. E dentro de você fica, "porque eu não sou suficiente, sabe?". E sempre é um padrão que se repete. Você nunca é a pessoa que é escolhida e isso começa afetar a forma que você se relaciona com as pessoas.

6. Quais foram as consequências psicológicas que você enxerga hoje em dia, que os padrões estéticos te trouxeram?

" Muitas, muitas. Eu tenho muitas manchas no corpo, que é de nascença. E quando eu era adolescente, porque hoje eu não ligo tanto, eu gostava muito de usar cropped, e quando eu tomei noção que eu tinha essas manchas, eu parei de usar, por achar que não era bonito, porque bonito é o corpo uniforme. Em alguns lugares a melanina é mais aparente, como nas axilas, em dobras. E ainda eu tenho vergonha, então eu tirava foto e juntava as axilas para não aparecer. E então você começa a criar várias coisas e pensar no negativo. E aí, você vai entrando num ciclo vicioso (...) Até hoje, eu não me acho uma pessoa bonita, porque ninguém nunca chegou pra mim é falou "nossa, você é muito bonita".

O QUE É ANOREXIA E BULIMIA?

A anorexia e a bulimia são doenças bastante conhecidas pela população em geral, mas ainda assim o conhecimento é muitas vezes superficial e a sociedade demonstra não ter preparo para lidar com esse mal. Por isso, saber as origens, pesquisar sobre e tirar dúvidas é importante para sabermos lidar com esses transtornos.

Anorexia Nervosa: distúrbio em que existe por parte do indivíduo um desejo excessivo de perder peso. Pode ocorrer de existir distorção da própria imagem, onde a pessoa se enxerga com um peso maior do que realmente possui. No intuito de emagrecer, recorrem a métodos nocivos à saúde, como por exemplo o jejum, o uso de laxantes e exercícios físicos excessivos. O peso corporal do paciente é reduzido em função desses procedimentos e pode acarretar falência de órgãos, parada cardíaca e outros problemas que podem levar o indivíduo a morte.

Bulimia nervosa: distúrbio em que o indivíduo tem âpicos de grande ingestão de calorias, acompanhado por demasiado remorso que faz com que ele deseje expelir do corpo o que consumiu, utilizando também recursos como o vômito e o uso de laxantes para isso. Nesse transtorno a perda de peso não é tão visível e muitas vezes nem significativa, entretanto a desidratação, os problemas gástrico, a corrosão dentária são consequências decorrentes dessa doença.

CAUSAS FREQUENTES

*Ansiedade
Depressão
Questões culturais
Autoestima baixa*

MULHERES E TRANSTORNOS ALIMENTARES

A maioria dos casos de transtornos alimentares atingem mulheres jovens, a pressão social é um dos motivos mais relevantes para isso acontecer, não é incomum a imagem de beleza e sucesso de uma mulher ser associada ao corpo magro, isso é uma ideia que foi construída ao longo de tempos com a exposição de corpos femininos em revistas, filmes e televisão. O merca-

do também é um elemento considerável quando falamos de quem lucra com os padrões de beleza impostos, a venda de produtos e serviços que tem o objetivo de modificar o corpo e fazê-lo entrar no modelo mais aceito socialmente, geram muita riqueza.

Esses fatores demonstram que a sociedade é muitas vezes responsável pelo males que a assolam.



Figura8. Maria Luiza. *ser.* 2019.



Figura9. Maria Luiza. *reconhecer.* 2019.

GORDOFOBIA

Gordofobia é a forma como popularmente é chamado o estigma social da obesidade, é evidenciado quando pessoas que possuem sobrepeso são discriminadas ou julgadas por essa característica. Esse preconceito é grave em vários sentidos, pois pode levar a pessoa que sofre a variados problemas, como a autoestima baixa, a tentativas não saudáveis de perda de peso, a procedimentos desnecessário e prejudiciais a saúde. A gordofobia vem sendo mais noticiada recentemente,

Argumentos comuns de pessoas que atacam outras baseando-se no seu peso, é que a obesidade é uma doença e que portanto a sociedade não pode compactuar com a ideia de aceitação do próprio corpo quando este tem sobrepeso, e portanto o incentivo ao emagrecimento deve ser feito. Tais argumentos muitas vezes são baseados na ideia de que o índice de massa corporal (imc) é definidor de saúde, porém o imc é calculado em uma relação matemática de altura e peso, então demonstra se o indivíduo tem ou não hábitos saudáveis, portanto é um indicador muito superficial de saúde e desmascara portanto que o verdadeiro motivo de haver um estigma social contra pessoas gordas é puramente construção de uma sociedade, que controla abertamente o corpo do seus membros.

O PRECONCEITO COMO ENTRETENIMENTO

Tornou-se com o tempo, comum ridicularizar corpos que não estejam no padrão imposto. Na comédia é frequente piadas com gordos e com o medo de engordar, por exemplo. Famosos e celebridades ganham destaque na mídia pelo ganho de peso, como se esse simples motivo fosse uma razão de entretenimento para os espectadores. Ainda, é importante ressaltar que as mulheres são mais afetadas do que homens, por estigmas que são todos os dias são observados na sociedade.

Grande Rhonda, "Thats '70s"



Reprodução: Worldation

A personagem é frequentemente ridicularizada na série, sua personalidade é constantemente associada ao fato de ser gorda com adjetivos constantemente negativos.

Monica, "Friends"



Reprodução: Exitoina.uol

Monica é frequentemente lembrada de seu passado como algo vergonhoso e fracassado simplesmente por ter sido fora dos padrões estéticos estabelecidos socialmente.



Figura10. Maria Luiza. *florescer para si*. 2019.



Figura11. Maria Luiza. *ser para si*. 2019.

REDES SOCIAIS OU ANTISSOCIAIS?

Como a sociedade está ficando cada vez mais refém de curtidas e padrões com o uso da excessivo das mídias.

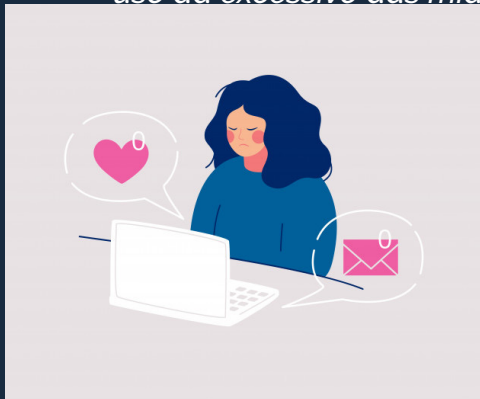


Imagem: Reprodução/Freepick

Só para contextualizar...

As redes sociais estão presente no dia dia das pessoas desde que o computador se popularizou, por volta do meio dos anos 90. Assim, nos anos 2000, esses sites se tornaram uma febre entre, principalmente, os jovens, com a disseminação da internet. O Orkut, juntamente com o Facebook, mudou a maneira de compartilhar informações, fotos e vídeos. A primeira, ficou muito famosa e durante muitos anos foi a mais utilizada pelos internautas brasileiros. Mas no final de 2011, perdeu o reinado para a rede social que ainda é bastante usada, o Facebook.

Dessa maneira, também é válido citarmos a expansão dos Smartphones – os celulares inteligentes multifuncionais – em que, no Brasil, começou mais ou menos em 2012. Esses aparelhos possibilitam carregar várias redes sociais ao mesmo tempo, na palma da mão, ~ e melhor ~ em qualquer lugar.

Mas a questão que queremos chegar é: como esses sites e artifícios podem fazer com as pessoas se sintam cada vez mais reféns de padrões e comportamentos que são disseminados todos os dias?

Problematizando...

Vidas perfeitas diariamente, são vistas no feed de internautas nas redes sociais que hoje representam status. Corpos sarados, roupas de marca, lugares paradisíacos e relacionamentos sólidos são grandes exemplos.

As mulheres, em sua grande maioria, sofrem uma grande pressão social – todos os dias – em relação a inúmeros fatores que as são impostas. Porque o corpo nunca é o ideal. O cabelo não é o aceitável. A roupa não está adequada.

Os aplicativos de relacionamento também têm seu espaço nessa discussão, já que a principal forma de “análise” dos usuários sobre os perfis, são as fotos que são colocadas. Em um cardápio, como assim é ousado nomear essa ferramenta, as pessoas curtem ou descartam as opções que são mostradas. O Tinder, um dos sites desse gênero mais utilizados nessa década, é um grande exemplo de que como as pessoas usam da aparência para comparar um indivíduo do outro e assim, deduzir que o grande amor da sua vida é um modelo perfeito, sem defeitos.

E é por isso que é importante falarmos de assuntos como este. Saúde mental é um tema que precisa ser tratado e que as pessoas precisam saber que precisam ter responsabilidade de seus atos, não só virtualmente, sobre comentários e ações que podem interferir em vidas que importam.

Scape